



**NA SÍNTESE FISIAGRÁFICA, DE ALBERTO LAMEGO, ELEMENTOS PARA A
CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA AMBIENTAL DO RIO DE JANEIRO**

PINTO, Fernando Lemos Firmino, (fernandolfp@hotmail.com)
Aluno de graduação do Depto. de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ,
bolsista de Iniciação Científica-PIBIC/UERJ

FREITAS, Inês Aguiar de. (freitasines@bol.com.br)
Professora Adjunta do Depto. de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ,

UERJ
R. São Francisco Xavier, 524, Bloco D, Sala 4033D
Maracanã – Rio de Janeiro-RJ
CEP: 20550-013

PALAVRAS-CHAVE: Alberto Lamego, História Ambiental, Rio de Janeiro
EIXO TEMÁTICO I – Ensino da Geomorfologia/Epistemologia

Num simpósio tão específico como este, há de se perguntar que contribuição um geógrafo “humano” pode trazer para o estudo da geomorfologia. Afinal, não é todo dia que, num Encontro cujo tema é normalmente de interesse dos geógrafos “físicos”, são colocadas reflexões sobre a natureza de nossa produção geográfica. Da mesma forma, pouco se tem discutido, especialmente no Brasil, as relações e as contribuições que a geografia física (e a geomorfologia) pode dar aos demais ramos do saber, contribuindo, cada vez mais para a construção de novas interdisciplinaridades.

Entretanto, apesar desta lacuna em nossa produção acadêmica, sejam os pesquisadores/geógrafos ligados a “geografia humana” ou a “geografia física”, pelo menos num ponto todos concordam: cada vez mais, torna-se importante pensar a natureza de um ponto de vista mais global, abrangendo aspectos físicos, econômicos e sociais, sabendo que são eles indissociáveis.

Assim sendo, nossa apresentação neste Encontro tem como objetivo principal estabelecer relações da geografia física (especialmente da geomorfologia) com uma disciplina recente – a História Ambiental. Teremos ainda como objetivos secundários: 1) Definir e caracterizar “história ambiental”; 2) Apresentar Alberto Lamego e sua obra; 3) Demonstrar como um autor do passado (Alberto Lamego) e sua produção em geomorfologia podem ser extremamente importantes na construção de uma história ambiental fluminense. Cremos assim, com este trabalho, despertar nos colegas da geomorfologia, novas preocupações com a história do pensamento, tornando clara a contribuição que podem dar à História Ambiental de diversas regiões do país.



O que é História Ambiental?

Surge, na década de 70, nos Estados Unidos, um grupo de estudiosos que acreditavam ser possível ir além do que outros pesquisadores da natureza vinham fazendo. Nascia assim a História Ambiental.

Essa nova disciplina tem como objetivo principal reconstruir a história, dando agora, importância à influência da natureza sobre as sociedades. Ou seja, a História Ambiental relaciona a história natural com a história social, lembrando que a natureza, o meio ambiente tem uma grande importância sobre a evolução das sociedades. Com isso, rejeita a premissa de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, sem cair, no entanto, nos exageros do determinismo ambiental.

A história ambiental deseja aprofundar o nosso conhecimento de como os seres humanos foram afetados pelo seu ambiente natural e também, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados. Para tal entendimento, do ponto de vista metodológico, a história ambiental se realiza em três conjuntos de questões:

1. O primeiro trata do entendimento da natureza propriamente dita. Esse nível é construído pelos estudos de como a natureza se organizou e funcionou no passado, do ponto de vista “físico”, “biológico”, “natural”.

Trata da reconstrução de paisagens do passado, descrevendo e verificando como funcionavam antes que as sociedades humanas as penetrassem e modificassem. Sem esses conhecimentos ecológicos da vegetação, a história ambiental perde seus embasamentos e sua coerência. Esses fatos são tão impressionantes que fazem com que alguns pesquisadores acreditem praticar uma “história ecológica” ou “ecologia histórica”. Com isso, insistem numa aliança mais estreita com botânicos, climatólogos e mesmo zoólogos, a fim de reconstruírem ambientes naturais do passado (geralmente, de alguns séculos atrás).

Este primeiro nível da História Ambiental, compreendido como o estudo primeiro e básico de uma dada região, exige um trabalho interdisciplinar (em geologia, geomorfologia, climatologia, meteorologia, biologia vegetal e animal e ecologia) com o qual os geógrafos físicos estão bastante acostumados. Segundo Drummond (1997, p.23) “*Os historiadores ambientais não fazem apenas visitas protocolares às ciências naturais:*



dependem delas para saber como funcionam os ecossistemas sem interferência humana, para daí identificar com precisão os efeitos ecossistêmicos da ação humana.”

É neste nível de conhecimento que a Geomorfologia (aqui destacando a pedologia) muito tem a contribuir. É o que iremos demonstrar, mais adiante, apoiando-nos no exemplo da obra de Lamego.

2. O segundo nível trata das relações entre o domínio sócio-econômico e o ambiente. São estudadas aqui as ferramentas de trabalho, os modos de produção, as relações sociais, as instituições e as decisões políticas que afetam (direta ou indiretamente) determinada área. Enfim, preocupa-se, este nível de questões com os modos humanos de produção.

Devemos lembrar que o grande fator de distinção entre os homens e qualquer outra criatura é que os homens são criadores de cultura. No livro *The Ecological transition*, John Bennett define a escola ecológica como o estudo de “como e por que os humanos usam a Natureza, como eles incorporam a Natureza dentro da Sociedade, e o que eles fazem consigo mesmos, com a Natureza e a Sociedade nesse processo”. Outros, no entanto, sustentam que toda cultura, pelo menos em algum grau, expressa a natureza e não deve ser rigidamente isolada em sua esfera própria e auto-contida. Ambas as posições são esclarecedoras, mas a de Bennett é a mais plausível.

O historiador ambiental deseja saber que papel a natureza teve na moldagem dos métodos produtivos e vice-versa, ou seja, que impactos esses métodos causaram à natureza.

3. Num terceiro nível de questões, o historiador ambiental irá analisar interações exclusivas do ser humano. É um nível puramente mental ou intelectual, onde percepções, valores éticos e mitos, entre outros, passam a fazer parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza. (Estabelece-se aqui a relação entre “paisagem e memória”- hoje tão cara aos geógrafos culturais).

Natureza não é uma idéia, mas sim muitas idéias, significados, pensamentos e sentimentos empilhados uns sobre os outros. A natureza também é uma criação das nossas mentes e, por mais que nos esforcemos para ver o que ela é objetivamente em si mesma,



por si mesma e para si mesma, em grande medida caímos presos nas grades da nossa própria consciência e nas nossas redes de significados.

Por isso, a história ambiental deve incluir no seu programa o estudo de aspectos de estética e ética, mitos, folclore, literatura, paisagismo, ciência e religião, enfim, deve ir a toda parte onde a mente humana esteve às voltas com o significado da natureza.

Dentro mesmo de um quadro de novos paradigmas, é que vislumbramos a possibilidade de dar início a uma aproximação entre a Geografia Física (Geomorfologia) e a História Ambiental, como é objetivo deste texto, a fim de que este ramo da geografia física possa contribuir, cada vez mais, para a compreensão (e solução) de problemas cujas características nos permitem apontá-los como “ecológicos”, “sistêmicos”, “holísticos”, ou “metadisciplinares”

Se, por um lado, a História Ambiental nasce da História, apoiando-se nos métodos e conceitos dessa disciplina, por outro, devemos destacar que é uma das primeiras vezes que historiadores assumem pra si a tarefa de construir um ramo do saber baseado na interdisciplinaridade e que esta característica permitirá abrir espaço para um grande diálogo com a geografia, com a geomorfologia e muitas outras “ciências da Terra”.

A História Ambiental apresenta muitos pontos de interesse comum com a geografia (seja ela “física ou “humana”) e vice-versa. Sendo assim, nós geógrafos não podemos deixar de estar abertos a novas propostas que esses pesquisadores/historiadores podem trazer para o campo das idéias sobre as relações entre natureza e sociedade.

- A primeira característica é a de que quase todas as análises realizadas em História Ambiental, até agora, focalizam uma região geográfica com algum grau de homogeneidade natural (Não seria coincidência pensarmos na “região natural quase sinônimo da “região geográfica”, categoria/objeto da geografia – e da geografia física em particular – presente em quase todos os momentos do pensamento geográfico).
- Uma segunda característica dos estudos da História Ambiental, também peculiar à Geografia, é o seu diálogo sistemático com quase todas as ciências naturais aplicáveis ao entendimento dos quadros físicos e ecológicos das regiões estudadas. Fato nada estranho aos geógrafos físicos.
- A terceira característica da História Ambiental é explorar as interações entre o quadro de recursos úteis e os diferentes estilos ou níveis civilizatórios das sociedades humanas. (“Em todo e qualquer lugar, a natureza oferece aos



humanos que ali vivem um conjunto flexível, mal limitado, de possibilidades de se manterem vivos.” (Worster, 1991, p. 206)).

- Uma quarta característica é a grande variedade de fontes. Os historiadores ambientais usam fontes tradicionais da história social e econômica. Aqui, os relatos de viajantes, exploradores e cientistas europeus que se expandiram pelo globo, a partir do século XV, assim como autores do passado são fontes fundamentais. (Fontes que sempre alimentaram os trabalhos em geografia física e que assistem, hoje, a um grande resgate por parte dos geógrafos, como é o caso de Alberto Lamego, sempre presente entre as fontes essenciais nos trabalhos em geografia do Rio de Janeiro).
- A quinta e última característica da História Ambiental seria o trabalho de campo. Ponto também fundamental da prática da geografia física e da geomorfologia em todos os tempos.

Como apontamos em artigos anteriores (FREITAS, 2002^a, 2002b, 2002c.), a coincidência de propostas pela História Ambiental com aquelas já estabelecidas pela nossa antiga conhecida – a Geografia – é bastante clara e torna ainda mais desejável o estabelecimento de relações entre elas. O que leva à “quase” uma exigência de criarmos – geógrafos físicos, inclusive – um trabalho interdisciplinar com nossos colegas historiadores ambientais. Exigência que se justifica por ser a História Ambiental uma disciplina que, além de ter como objeto de estudo a natureza, ser ainda pouco estudada, tanto no Brasil, como no mundo, e de ter em suas bases teóricas a preocupação com três elementos essencialmente criadores da paisagem: os processos naturais, os processos engendrados pelo homem e a relação paisagem/memória de uma determinada comunidade.

Assim, poderíamos nos utilizar de vários trabalhos acadêmicos de autores do passado, (geógrafos ou não), que podem ser considerados como antecessores, ou até mesmo fontes importantes no processo de constituição desse novo ramo de conhecimento. Com isso, é de extrema importância a (re)leitura das obras de alguns importantes autores brasileiros do passado.

Alberto Lamego e sua contribuição para a Geomorfologia.



Nesse contexto de trocas e contribuições, surge como uma grande necessidade a (re) leitura da obra de um dos maiores “geógrafos/geólogos/geomorfólogos” do Brasil: Alberto Ribeiro Lamego (também conhecido como Lamego Filho).

Alberto Ribeiro Lamego nasceu em 1896 na cidade de Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense. Em 1918 formou-se em Geologia e Engenharia de Minas pela Royal School of Mines, do Imperial College of Sciences and Technology.

Entre 1940 e 1950, publica aquelas que são consideradas suas obras-primas: uma série de livros de cunho sócio-geográfico que aborda desde as escarpas da Guanabara e a geologia de Campos até as populações que ali residem e sua cultura. Essa série de livros é conhecida como *Os Setores da Evolução Fluminense* e está dividida em: *O Homem e o Brejo* (1940), *O Homem e a Restinga* (1946), *O Homem e a Guanabara* (1948) e *O Homem e a Serra* (1950).

De sua imensa obra sobre o Rio de Janeiro, destaca-se ainda, em 1944, *A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo*, onde já previa o potencial petrolífero da área. Além disso, foi um dos pioneiros na utilização de fotointerpretação como ferramenta para o mapeamento geológico. Durante vinte anos fez parte da Comissão da Carta Geológica do Mundo e publicou em 1964, o primeiro mapa geológico da América do Sul feito por sul-americanos.

Sua obra geográfica foi alvo, no entanto, de intensas polêmicas, quando do radical movimento de renovação pelo qual passou a geografia, no final dos anos de 1970 e ao longo dos 80. Foram anos de um grande desprezo pela obra de Lamego, quando grande parte dos geógrafos acusavam-no, no mínimo, de “descritivo”, “determinista”, “organicista” ou “de fazer a geografia do poder”.

No entanto, dentro do espírito de sua época, Lamego foi um mestre. Hoje, sua obra tem tido o merecido reconhecimento pelo seu imenso valor e pela sua importante contribuição para o desenvolvimento da geografia. Alberto Lamego é, hoje, novamente fonte de consulta, leitura primeira e obrigatória para a compreensão da geografia física e humana do Estado do Rio de Janeiro e, também, fonte de inspiração para jovens geógrafos brasileiros.

Ao propormos um diálogo da geografia com a história ambiental, nosso trabalho se insere em algumas “tradições” da geografia, e, mais especialmente da geografia brasileira: a tradição descritiva, herança não apenas dos geógrafos do início do século XX, em seus moldes franceses, mas, também, de uma tradição mais antiga, iniciada quando os primeiros viajantes, ocupados em fazer uma história natural de nossas terras, descreveram



minuciosamente nossa natureza e os usos que nossa sociedade dela fazia. É importante destacar aqui uma retomada do interesse que obras de geógrafos do passado têm despertado em novos autores (entre eles Livingstone, Stodart, Gregory (FREITAS, 1996)) e, neste sentido, encontra explicação também o interesse que a obra de Alberto Lamego tem despertado entre os geógrafos de hoje.

Mas as bases teórico-conceituais que fundamentam a obra de Lamego vão muito além de apenas uma tradição descritiva na geografia. Muitas matrizes teóricas são reconhecíveis em sua obra, a partir de uma análise mais apurada.

Apesar de suas quatro obras aqui analisadas datarem já da primeira metade do século XX, é reconhecida a influência que sofreu de geógrafos do final do século XIX e do início do século XX. Eric Dardel, Elisée Reclus e, principalmente Vidal de la Blache, expoentes máximos da geografia da época, são, na obra de Lamego, referências facilmente reconhecíveis.

De Eric Dardel, Lamego herdou o gosto pelas relações entre o homem e a terra, a crença de que o primeiro é herdeiro direto desta e que existiria quase que um “destino comum” que uniria a terra e o homem ao longo do tempo, construindo, juntos, as sociedades, a cultura e a história. Um influenciando e quase determinando o outro.

Lima et alli (2003, pp. 37-38) lembram a influência de Reclus e sua obra *A Terra e o Homem* na estrutura escolhida por Lamego para seus quatro livros. Seguindo o modelo do geógrafo francês, Lamego divide o espaço geográfico do Estado do Rio de Janeiro em três partes: a terra, o homem e a cultura. Estrutura que, como vemos, corresponde exatamente aos três grandes grupos de questões propostos para a metodologia da História Ambiental.

A influência mais clara talvez resida ainda naquela vinda do também geógrafo francês Paul Vidal de la Blache. Alicerça-se na preocupação em dividir o espaço fluminense em quatro grandes regiões – a Serra, a Guanabara, a Restinga, o Brejo – e segue tão de perto as idéias lablachianas que acaba por descrevê-las e interpretá-las sobre a base, não só da diferenciação espacial que observa – base subjetiva, porém essencial, da regionalização francesa – mas, principalmente, vê as regiões como resultado de uma comunhão total entre o homem e o meio, construindo gêneros de vida únicos e exclusivos sobre a terra.

Alguns trechos de *O Homem e a Guanabara* não deixam dúvidas sobre a mescla ideal de geologia, relevo, cultura, geografia humana, sentimentos, religiosidade, mitos e daquilo que ele mesmo chama de “influência espiritual européia” (LAMEGO, 1948. p.



356-357.) na busca de uma explicação para a formação sócio-espacial do Rio de Janeiro (Mas como sabemos hoje, tais elementos podem contribuir para a construção de uma História Ambiental fluminense).

Um bom exemplo reside na introdução de parte dessa sua obra que Lamego intitulou “Síntese Geo-sentimental” (LAMEGO, 1948. p. 361-362.):

“Tão íntima foi no Rio a associação final da terra ao homem, que se diria entrever os impulsos formadores do meio telúrico, propositadamente criando uma estrutura geológica e um ambiente geográfico em plena harmonia com a futura psicologia do habitante.”

Ou ainda um de seus pressupostos sobre a formação da “alma carioca” (LAMEGO, 1948. p. 357.):

“O samba carnavalesco é a exteriorização dos atributos hereditários da alma carioca. A resultante sonora e coreográfica de sua evolução étnica e espiritual. O intempestivo desvendar de uma complexa estrutura inconsciente, modelada em sua formação.”

E, o mais interessante é notar que sua “síntese fisiográfica” não se apresentava muito diferente. Geomorfologia e cultura caminhavam juntas e, sem culpas, acabaram por nos ligar textos como os que reproduziremos a seguir:

“A geologia determina e dirige a própria história da planície. É ela que, a consolidar suas rochas e a esculpi-las pelo andar das Eras, exhibe afinal os tres degraus fundamentais da topografia regional, tão bem definidos e sucessivamente limitantes da ofensiva humana sobre o território. A planície, o tabuleiro e a montanha não exprimem apenas formações geológicas de idades diversas, onde o relêvo e o solo apresentem possibilidades várias de culturas diferentes atacadas a um só tempo. Definem, como vimos através da parte histórica, fases distintas da evolução social, guiando o homem para estágios gradualmente progressivos.” (LAMEGO, 1940, p.89.).

“Sempre os lamaçais a serem domados em tôda a Baixada Fluminense. Mas essa peculiaridade fisiográfica nem sempre atua com as mesmas diretrizes retardatárias ou progressivas para a cultura que chega de além-mar, e que, uma vez plantada começa a diferenciar-se para cada região natural de acôrdo com os demais fatores topográficos.” (LAMEGO, 1948, p.96.)



“Assim foi que, à beira de suas baías, o fluminense cresceu fitando o porvir no espelho das grandes águas bonançosas. Assim foi que na Guanabara o homem do alto de seus morros desceu às planícies à medida que ia enxugando, erguendo cidades. De olhos fitos nessa imensa tranqüilidade lacunar, tinha êle a inconsciente previsão de, por seu determinismo geográfico, a grande baía atingir as culminâncias de um dos maiores empórios do globo.” (LAMEGO, 1948, p.96.)

“O homem e o meio numa interação contínua através de trezentos anos de antagonismos inconciliáveis, puderam enfim acomodar-se. Os fatores geográficos obstrutivos da cultura, conquanto ainda persistam em escala que supera os recursos econômicos regionais para sua completa eliminação, já se não levantam com a tremenda virulência primitiva, desalentadora dos esforços mais tenazes.”(LAMEGO, 1948, p.183.)

A tetralogia *Os Setores da Evolução Fluminense* ainda hoje é base fundamental para qualquer estudo geomorfológico que seja feito sobre o espaço fluminense. Nessa série de obras, Lamego, ao estudar a terra, o homem e a cultura fluminense, deixou-nos a mais completa e minuciosa obra sobre a geomorfologia do Estado do Rio. E, como vimos, neste trabalho, sua “síntese fisiográfica” muito pode contribuir para a construção da História Ambiental do Rio de Janeiro.

Bibliografia

BENETT, John W. *The Ecological Transition: Cultural Anthropology and Human Adaptation*. New York: Pergamon, 1976.

CRONON, William. *Changes in the Land: Indians, Colonists and the Ecology of New England*. New York: Hill & Wang, 1983.

CRONON, William (ed.). *Uncommon Ground: Toward Reinventing Nature*. New York: W.W. Norton, 1995.

CRONON, William The Trouble with Wilderness; or, Getting Back to the Wrong Nature, In *Environmental History*, p. 7-28. jan. 1996.

DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. 169 p.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991.

DRUMMOND. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*. Niterói: EdUFF, 1997. 306p.



FREITAS, Inês Aguiar de. *Une nouvelle découverte du monde: les voyageurs français au Brésil aux XVIIIème et XIXème siècles*. Mémoire de DEA, sous la direction de M. Paul Claval, Paris, Université de Paris IV (Sorbonne), 1993.

FREITAS, Inês Aguiar de. *Pour une histoire naturelle de la géographie: les voyageurs-naturalistes français au Brésil au siècle des Lumières*. Thèse de Doctorat, sous la direction de M. Paul Claval, Paris, Université de Paris IV (Sorbonne), 1996.

FREITAS, Inês Aguiar de. História Ambiental e Geografia, *Anais no XX Encontro Nacional de Geógrafos*, João Pessoa, 2002a.

FREITAS, Inês Aguiar de. História Ambiental e Geografia na obra de Alberto Lamego, *Anais no XX Encontro Nacional de Geógrafos*, João Pessoa, 2002b.

FREITAS, Inês Aguiar de. A Geografia na construção de uma História Ambiental brasileira. *Boletim Goiano de Geografia*, Vol.22, n. 2, Jul/Dez, p. 155-168, 2002c.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e o Brejo*. Rio de Janeiro, 1940.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a Restinga*. Rio de Janeiro, 1946.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a Guanabara*. Rio de Janeiro, 1948.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a Serra*. Rio de Janeiro, 1950.

LIMA, Diogo et alli. O Estado do Rio de Janeiro na obra de Lamego. In. MOREIRA, Ruy (org.). *A Reestruturação Industrial e Espacial do Estado do Rio de Janeiro*. Niterói: PPGEU-UFF/CNPq, 2003. Pp. 37-70.

MACHADO, Lia Osório. As idéias no lugar. O desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX. *Terra Brasilis*, Rio de Janeiro, n.2, p. 11-31. jul./dez. 2000.

SHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WILLIAMS, M. The Relations of Environmental History and Historical Geography. *Journal of Historical Geography*, 20:1 (1994), 3-4.

WORSTER, Donald. *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas*, Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

WORSTER, Donald, History as Natural History: An Essay on Theory and Method, In *Pacific Historical Review* 53, (1984), 1-19.

WORSTER, Donald, ed. *The Ends of the Earth. Perspectives on Modern Environmental History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.4, n. 8, p. 198-215. 1991.